



INFORMATIVO

mesa digital

Culturas
Alimentares
Digitais

O que é @mesadigital?

O informativo “**Mesa Digital**” é parte de um projeto coordenado pelo **Grupo de Estudos de Culturas Alimentares Digitais** com a proposta de estimular a análise, a reflexão e o debate em torno das culturas alimentares digitais, movimentos sociais e ativismo alimentar digital. Concentramos nossa análise no debate alimentar mediado pelas tecnologias, ou seja, como diferentes atores utilizam o espaço “online” para se comunicar, se posicionar e debater sobre alimentação. Buscamos também compreender como práticas alimentares cotidianas ganham dimensão pública e de que forma movimentos sociais alimentares expressam suas posições no ambiente digital.

Culturas
Alimentares
Digitais

#3

mesa digital

Nosso terceiro informativo abordará uma temática extremamente importante para os estudos alimentares: os “**veganismos**” e os “**vegetarianismos**”, utilizados aqui no plural para destacar a diversidade de abordagens e variações destes conceitos.

- p.5** Falar de veganismos é discutir sobre a relação humana com os meios digitais. Seja por interesse ou crítica ao movimento, o veganismo ganha força com as novas tecnologias. No primeiro texto, os autores **Daniel Coelho** e **Ester Louback** discutem o veganismo através da perspectiva da Inteligência Artificial: quais são os possíveis dados e, portanto, possíveis respostas que a Inteligência Artificial nos oferece ao perguntarmos sobre veganismo? Quais características socioculturais podemos identificar nessas respostas?

- p.10** O texto de **Jéssica Santana**, apresenta os resultados de uma netnografia em dois grupos veganos na rede social do Facebook ao longo de seis meses (entre novembro de 2021 e abril de 2022). A autora analisou as manifestações nestes espaços e demonstrou que o veganismo consegue realizar intensas conexões com outros movimentos sociais e e arregimentar novos adeptos, apresentando uma diversidade de pautas que não se restringem às questões alimentares.
- p.20** O texto assinado por **Arthur Saldanha** e **Maria Vitória** discute as desigualdades digitais, com ênfase nas diferenças de classe, raça e gênero. Fazem parte do debate temas como: as desigualdades no acesso à internet; questões de raça, classe e gênero na internet; bem como o papel das assimetrias no acesso a esse recurso.



TEXTO #1

Culturas Alimentares Digitais e as recomendações de Sistemas de Inteligência Artificial

por **Daniel Coelho** & **Ester Louback***

* Como trechos do Chat GPT

Qual a importância do veganismo para o mundo hoje vista através dos olhos da Inteligência Artificial (IA)? Quais as possíveis argumentações destas ferramentas quando o tema é a pauta alimentar no ambiente digital.

Buscando entender um pouco mais sobre o impactos destas tecnologias no debate agroalimentar, o grupo de pesquisa Culturas Alimentares Digitais, realizou uma interlocução com o **ChatGPT** (<https://chat.openai.com/chat>).

A primeira demanda colocada para o ChatGPT foi solicitar a escrita de um texto sobre a importância do veganismo para o mundo hoje. Segue a resposta:

“O veganismo é uma escolha de estilo de vida que vai além da dieta, levando em consideração a preocupação com o meio ambiente, com a sustentabilidade e com os direitos dos animais. Ao escolher uma dieta livre de produtos animais, o veganismo contribui para a redução do impacto ambiental e para o bem-estar dos animais, além de promover a saúde humana.

A produção de carne e produtos de origem animal é uma das maiores fontes de emissão de gases de efeito estufa, sendo responsável por cerca de 18% das emissões globais. Além disso, a pecuária é uma grande consumidora de água e de recursos naturais, contribuindo para a degradação do meio ambiente.

Ao adotar uma dieta vegana, é possível reduzir significativamente o impacto ambiental e contribuir para a preservação do meio ambiente. Além disso, o veganismo também promove o bem-estar animal, ao se recusar a contribuir com indústrias que exploram e maltratam animais para a produção de alimentos e outros produtos.

Além da dieta, o veganismo também leva em consideração outros aspectos de consumo, como a escolha de cosméticos e produtos de limpeza que não utilizem ingredientes de origem animal e que não tenham sido testados em animais. Isso ajuda a pressionar a indústria a buscar alternativas mais sustentáveis e éticas.

Em resumo, o veganismo é uma escolha de estilo de vida que pode ter um impacto significativo no meio ambiente e na promoção do bem-estar animal. Ao adotar uma dieta vegana e considerar os impactos de consumo em outros aspectos da vida, é possível contribuir para um mundo mais sustentável e ético.”(CHATGPT).

As formulações do ChatGPT permitem levantar algumas questões: **Como os mecanismos de Inteligência Artificial podem interferir nas “Culturas Alimentares Digitais”? Novas receitas podem ser criadas a partir da base de dados disponíveis no ambiente online? Recomendações de restaurante e bares podem ser transformar em novas ferramentas de monetização das Big Techs?** Por exemplo, ao solicitar ao ChatGPT sugestão de restaurantes veganos em Belo Horizonte (MG), o sistema indicou:

Com base nas informações encontradas na pesquisa, sugiro algumas opções de restaurantes veganos em Belo Horizonte que podem atender às suas necessidades e preferências alimentares. É importante lembrar que cada restaurante tem suas próprias características e políticas, então é sempre recomendável verificar antes de visitá-los:

San Ro: Restaurante com culinária asiática, especialmente taiwanesa, que oferece diversas opções veganas e vegetarianas. Segundo avaliações, o lugar é certo para vegetarianos.

Projeto Sabor: Restaurante que oferece opções brasileiras e saudáveis, com diversas opções veganas e vegetarianas. É bem avaliado pelos clientes e é uma opção para almoço saudável.

P.S. Bistrô Vegano: Restaurante vegano que oferece pratos veganos criativos e saborosos, com opções para café da manhã, almoço e jantar. É bem avaliado pelos clientes e oferece também opções sem glúten e sem soja.

Lembre-se de sempre verificar as opções do cardápio e a política do restaurante antes de fazer a escolha, para garantir que atenda às suas necessidades e preferências alimentares.”(CHATGPT).

Por último, gostaríamos de abordar as possibilidades das ferramentas de IA de interferirem no debate sobre estilos de vida. Antes restrita à esfera privada de decisões particulares, os “Life Styles” têm se tornado cada vez mais um tema da agenda pública. Quais seriam as recomendações da IA sobre as práticas vegetarianas e veganas? Ao questionar o Chat GPT se devo deixar de comer carne, recebemos a seguinte resposta:

A decisão de deixar de comer carne é pessoal e pode ter diversas motivações, como preocupação com a saúde, com o meio ambiente ou com os direitos dos animais. Segundo um especialista em nutrição, a ausência de carne na dieta pode ser compensada com a inclusão de alimentos como arroz, feijão, sementes, tofu e cogumelos. No entanto, é importante ter em mente que uma dieta vegetariana ou vegana bem planejada pode ser saudável, mas é preciso garantir a ingestão adequada de nutrientes essenciais, como proteínas, ferro, cálcio e vitamina B12, que são mais comumente encontrados em alimentos de origem animal. É recomendado buscar orientação de um nutricionista para uma transição adequada e segura para uma dieta vegetariana ou vegana.”

A última resposta do sistema de IA apresenta características “híbridas”, na primeira parte do texto existe uma clara orientação sobre as opções que deveriam ser tomadas pelo consumidor vegano, e já na parte final do texto é recomendada a procura por uma orientação de um “nutricionista”.

Portanto, ao perguntar à IA sobre o que é veganismo podemos observar que há a presença deste movimento ativista alimentar no ambiente digital. É possível se inteirar sobre

locais de consumo, informações sobre autocuidado com a alimentação e motivos para deixar ou não de consumir proteína vegetal. Mas se a IA é resultado das interações dos algoritmos, portanto, fruto de conhecimentos dos usuários no ambiente digital, podemos questionar quem são esses usuários e quais narrativas são visibilizadas. Qual gênero, classe e raça possui maior acesso ao ambiente digital? A IA é resultado de uma perspectiva democrática ou é o reflexo do acesso à tecnologia e das interações digitais contemporâneas? A escolha do não consumo da proteína animal é realmente uma escolha individual ou uma necessidade?

Com esses questionamentos, convidamos você a se aprofundar este debate plural e emergente sobre o que é o veganismo e os seus desdobramentos na internet. ●



TEXTO #2

O Movimento Social Vegano no Brasil: uma análise do ativismo digital pelas mídias sociais

por *Jéssica Santana*

A partir das novas tecnologias da informação, o ambiente digital se tornou um componente importante para a vida social dos indivíduos e um novo espaço de atuação dos movimentos sociais. A internet passou a ser um mecanismo de conexão em rede de uma sociedade que utiliza as mídias sociais para se informar, interagir, opinar e se conectar com múltiplos atores, movimentos e pautas.

Logo, diante da pluralidade e da abrangência que esse novo contexto apresenta, o campo das culturas alimentares digitais foi criando forma com o compartilhamento de práticas, hábitos e experiências alimentares dos indivíduos na internet. Todo o conteúdo compartilhado é criado a partir de questões de identificação, crenças, simbolismo e cultura, por exemplo, que moldam as escolhas dos seres humanos e influenciam em suas decisões alimentares, que podem representar a expressão de seu ativismo alimentar.

A agroecologia, agricultura orgânica, vegetarianismo e o veganismo são movimentos voltados para o exercício do ativismo alimentar que privilegiam os meios de comunicação digitais para organizarem suas ações e colocarem suas pautas em evidência (AZEVEDO, 2017; MACHADO, 2007). Diante disso, esse texto tem como objetivo analisar como o movimento social vegano no Brasil exerce seu ativismo digital nas mídias sociais. Esse trabalho discute os resultados de uma pesquisa que dialoga com uma revisão bibliográfica acerca do tema e da análise de conteúdo de dados oriundos a partir da realização de uma netnografia de dois grupos que tratam do veganismo na rede social do Facebook, no período compreendido entre novembro de 2021 e abril de 2022. O estudo demonstra como o veganismo consegue realizar intensas conexões com outros movimentos sociais e como os veganos utilizam as redes sociais para incentivar o debate a respeito de suas pautas, a incorporação de novos adeptos e a organização de suas ações on-line e off-line.

Uma definição bastante difusa sugere que o veganismo:

...é uma filosofia e um modo de vida que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra os animais para alimentação, roupas ou qualquer outro propósito; e, por extensão, promove o desenvolvimento e o uso de alternativas sem animais para o benefício dos animais, humano e do meio ambiente. Em termos dietéticos, denota a prática de dispensar todos os produtos derivados total ou parcialmente de animais (THE VEGAN SOCIETY, tradução nossa)¹.

O movimento vegano é naturalmente carregado por uma intensa contestação social ao denunciar quaisquer formas de exploração dos animais pelos humanos. O movimento surge em 1944, na Inglaterra, por iniciativa do inglês Donald Watson, diante da justificativa de que o vegetarianismo resumia sua condenação ao processo de produção da carne animal, mas não condenava a exploração e o abate de seres sencientes envolvidos no processo produtivo de ovos e laticínios (WATSON, 1944). O movimento foi se expandindo pelo mundo e acrescentando às suas causas, além da proteção dos animais para consumo alimentar, a prerrogativa do fim do uso de qualquer matéria prima de origem animal para a produção de bens de consumo.

No Brasil, o veganismo tem sua origem nos acontecimentos ocorridos nas décadas 1970 e 1980, em que o país é envolvido no contexto da contracultura, do movimen-

1. "Veganism is a philosophy and way of living which seeks to exclude, as far as is possible and practicable, all forms of exploitation of, and cruelty to, animals for food, clothing or any other purpose; and by extension, promotes the development and use of animal-free alternatives for the benefit of animals, humans and the environment. In dietary terms it denotes the practice of dispensing with all products derived wholly or partly from animals."(THE VEGAN SOCIETY)

to ecológico e da efervescência de uma sociedade mais questionadora e preocupada com a alimentação saudável e o meio ambiente (CARVALHO,2020). Assim, grupos de pessoas começaram a surgir e se encontrar, ainda que com dificuldade devido ao longo tempo para a transmissão e compartilhamento de informações, para se conhecerem e debaterem assuntos em comum em relação a essa temática. Esses encontros começam a se intensificar no final da década de 1990, com o surgimento da internet, que faz com que esse cenário de dificuldade de comunicação seja minimizado (FERRIGNO, 2012).

Os eventos continuam no início dos anos 2000 e, cada vez mais, o veganismo vai se tornando um tema a ser discutido em ambientes presenciais e virtuais, como em congressos, sites, e em campanhas no Brasil. A partir da criação e consolidação das mídias digitais, especialmente das redes sociais, o contato entre as pessoas é intensificado e o veganismo se utiliza desses meios para divulgar, informar e mobilizar os indivíduos em prol de seus interesses. Assim, o movimento social vegano passa ter uma forte atuação no espaço digital, e o Facebook é uma plataforma que consegue expressar como se dá a dinâmica dessa atuação.

Para encontrar os grupos que tivessem relação com o tema escolhido, foi pesquisado no espaço de busca do Facebook os termos “**veganismo**” e “**vegano**”. A partir dos resultados, a escolha dos grupos se deu pelo nome, descrição, número de membros e periodicidade de publicações. O grupo “**Veganismo e Libertação Animal**” é público, ou seja, qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook tem

acesso às publicações e informações sobre membros do grupo. Já o “**Veganos – a revolução começou**” é um grupo privado, o que indica que apenas seus membros podem ver quem participa e as publicações que são feitas. Por se tratar de um grupo privado, é preciso pedir autorização para participar de sua formação, o que incide em respeitar suas regras.

Os dados a serem analisados foram extraídos através das postagens dos membros dos dois grupos. Kozinets (2015) explicita que a maneira como as pessoas começam a se comunicar e a interagir na internet vai deixando rastros e transmissões, que serão a missão dos pesquisadores descobrir e decodificar. As interações online podem ser expressas de diversas maneiras e produzir dados em vários formatos, como gráficos, músicas, produtos audiovisuais, fotos e também em forma textual (FERREIRA; CHIMENTI, 2022). Nessa pesquisa, o conteúdo textual e as imagens, quando estavam associadas aos textos, foram os objetos de análise.

Foram coletadas 553 publicações, nos dois grupos juntos, durante o período proposto. A dinâmica de distribuição das publicações no decorrer do tempo definido, expressa na Figura 1, demonstra que os meses de dezembro, janeiro, novembro, fevereiro, março e abril foram os de maior número de posts publicados, respectivamente.

Posts Publicados

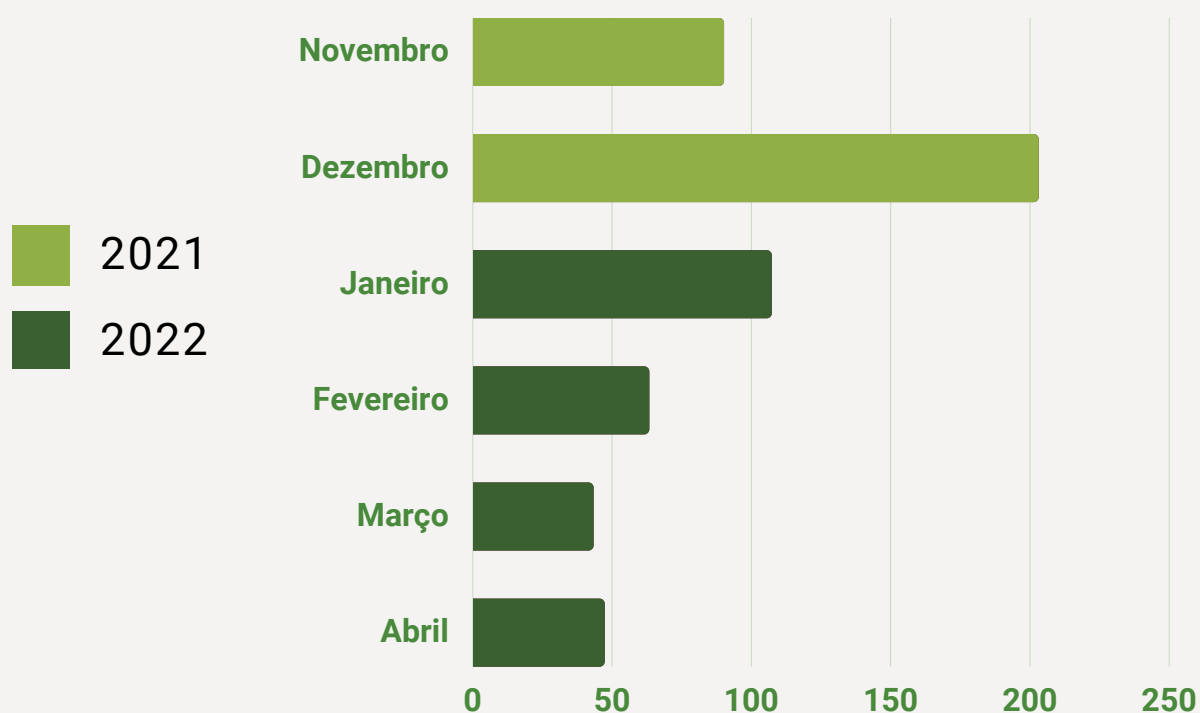


Figura 1: Frequência mensal da publicações dos posts coletados

Fonte: Facebook – Grupos Veganismo e Libertação Animal e Grupo Veganos – a revolução começou – adaptado pela autora, em 2023.

Essa distribuição não é aleatória. O movimento vegano adapta a sua causa e pautas de acordo com o contexto apresentado. Novembro é considerado o “mês vegano”, pois se comemora o dia mundial do veganismo em primeiro de novembro. No decorrer dos dias posteriores, são divulgados eventos, discussões, receitas e cursos, como uma forma de intensificar ainda mais a exposição do tema. Porém, nesse mês em 2021, ocorreu no Brasil uma situação de repercussão nacional e internacional: o caso de maus tratos a búfalas em São Paulo. Diante dessa notícia, os membros dos dois grupos se mobilizaram para atuar em prol da promoção de uma maior visibilidade do caso, em busca de mudanças efetivas para a resolução do problema.

Os veganos reconhecem a importância que o ativismo digital tem diante de sua principal pauta de atuação, o fim da exploração animal. A **Figura 2** apresenta uma imagem de uma publicação, feita em 23 de novembro de 2021, onde um membro do grupo **Veganismo e Libertação Animal** escreveu:

O ativismo virtual é importantíssimo. Não podemos estar lá ajudando fisicamente, mas de longe podemos fazer muito! Acredite! Precisamos dar ampla visibilidade à situação por meio de nossas redes sociais até que tudo se resolva, devemos lutar pela vida das búfalas! O ativismo físico segue forte, as búfalas estão recebendo cuidados sob muita dificuldade. Estão em campo veterinárias, veterinários e ativistas (GRUPO VEGANISMO E LIBERTAÇÃO ANIMAL FACEBOOK).



Figura 2 – Imagem de publicação sobre o caso das búfalas em São Paulo. Fonte: Facebook / Grupo Veganismo e Libertação Animal – adaptado pela autora, 2023.

O mês de dezembro marca a data que motiva o principal genocídio animal para os veganos, o Natal. Na data, no mundo inteiro, a Ceia de Natal, geralmente, é associada às figuras das aves e do porco, especialmente diante do consumo dos pratos, como o chester, o peru e o tender. Assim, o conteúdo compartilhado nesse mês teve como foco evidenciar como o sofrimento animal é intensificado durante esse período.

As imagens e os textos publicados tinham como estratégia comunicativa apresentar imagens e discursos fortes, retratando e descrevendo cenas de animais sendo abatidos, sendo separados de seus filhotes e ilustrando diferentes maneiras de exploração animal. Os ativistas veganos entendem que quanto maior a aproximação do sofrimento animal ao dos humanos, maior é o impacto que suas ações podem promover para visibilizar suas causas, enquanto movimento social (VILELA, 2017).

O veganismo também tem a capacidade de acrescentar camadas às suas atuações, se aproximando de outros movimentos. As postagens de março e abril de 2022 conseguem exemplificar essa aproximação através do período da quaresma, em que a defesa dos animais continua como tema central do debate, mas acompanhada da questão religiosa. O consumo de carne animal na religião cristã tem na bíblia a sua principal legitimação. O milagre da multiplicação dos peixes, o fato de Jesus ter se alimentando de peixe e ter oferecido o animal como alimento faz com que os cristãos tenham seus argumentos para o consumo de carne animal, já que Jesus é o maior e melhor exemplo para eles. Entretanto, os veganos utilizam a história e a própria bíblia para contestar a aceitação desse consumo, pois po-

vos da época, como os essênios e alguns judeus, possuíam uma alimentação vegetariana, e o versículo “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (BÍBLIA, Matheus, 22, 39) deveria também ser aplicado para os animais (FIORAVANTI, 2020).

Janeiro e fevereiro têm postagens com perfis diferentes das publicações dos meses anteriores, que possuem datas com maiores possibilidades de repercussão. As postagens nesses meses ainda apresentam o tema do combate ao sofrimento animal como central, mas trazem um conteúdo, especialmente, relacionado a adoção do veganismo. Os benefícios que o veganismo pode representar para o meio ambiente, saúde física e mental; as dificuldades que as novas práticas alimentares podem significar perante a uma sociedade que normaliza o consumo de produtos de origem animal e receitas que podem ajudar na diversificação do cardápio alimentar vegano são exemplos dos conteúdos mais compartilhados.

Logo, diante da análise dos dados coletados, é possível inferir que o movimento vegano é capaz de adaptar suas maneiras de expressar seu ativismo de acordo com as condições impostas ao seu redor. Sua organização e atuação se realizam de tal maneira, nas mídias sociais, que escancaram sua capacidade de explorar o debate de seus interesses. O ativismo digital vegano é múltiplo de atores, de estratégias de engajamento, de organização, de ações e de objetivos. No Brasil, essa versatilidade fica evidente desde a sua origem, com a influência de movimentos da contracultura, até o seu desenvolvimento diante das ferramentas que as tecnologias de informação trouxeram para os movimentos sociais. Assim, o ambiente digital consegue comportar o

ativismo, as relações, conexões e oposições do veganismo, que no Brasil tem as mídias sociais como fundamentais para sua estruturação, desenvolvimento, crescimento e consolidação como um movimento social. ●

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. *Sociologias*, v. 19, p. 276-307, 2017.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. Vegetarianismo e veganismo: a expansão rápida de uma nova filosofia alimentar no Brasil. *Revista de Alimentação e Cultura das Américas*, v. 2, n. 2, p. 89-101, 2020.

FERREIRA, Daniela Abrantes; DE SOUZA CHIMENTI, Paula Castro Pires. Netnografia: desvendando as narrativas humanas em um mundo digital. *ReMark-Revista Brasileira de Marketing*, v. 21, n. 4, p. 1433-1479, 2022.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico. *Repositório da*, 2012.

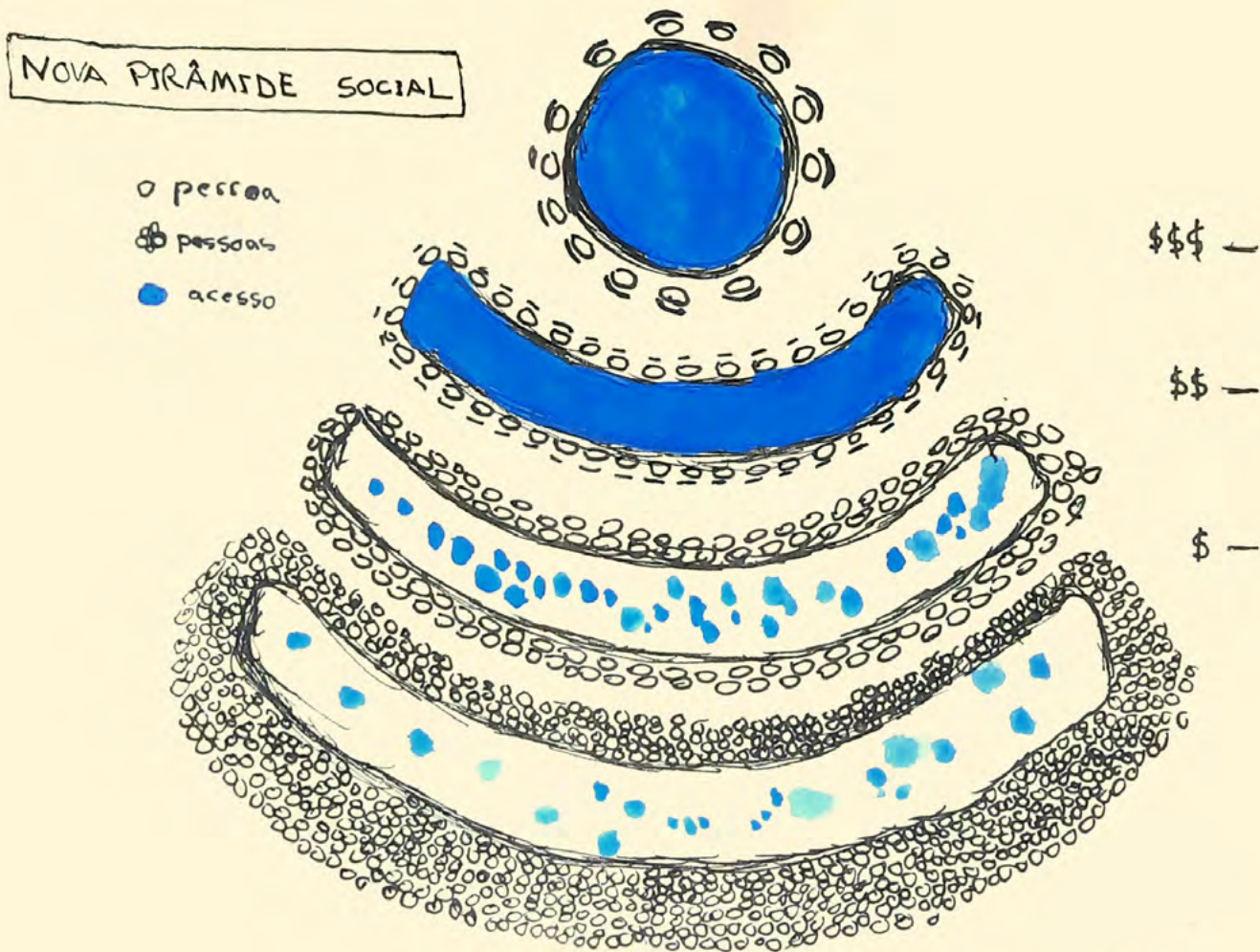
FIORAVANTI, Guilherme. Veganismo e Religião. Disponível em: <https://www.bloguesia.com/single-post/veganismo-e-religi%C3%A3o>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

MACHADO, J. A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, n. 18, p. 248-285, dez. 2007.

THE VEGAN SOCIETY. Definition of Veganism. Disponível em: <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>. Acesso em: 11 de setembro de 2021.

VILELA, Diego Breno Leal. Consumo político e ativismo vegano: dilemas da politização do consumo na vida cotidiana. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 25, n. 2, p. 353-377, 2017.

WATSON, Donald. *Vegan News – Magazine of the non-dairy vegetarians*. Leicester: Ed. by Donald Watson, 1944.



TEXTO #3

Desigualdades digitais entrelaçadas: questões de raça, classe e gênero

por **Arthur Saldanha dos Santos** e **Maria Vitória**
 gráficos **Ester Louback**

Neste informativo discutimos as desigualdades digitais, dando ênfase para as diferenças de classe, raça e gênero. Primeiro, abordamos as desigualdades no acesso à internet. Em seguida, discutimos as questões de raça, classe e gênero na internet. Em terceiro lugar, analisamos como as mídias digitais vêm sendo utilizadas pela articulação so-

cial como estratégia na ampliação do debate sobre as assimetrias na internet. Finalmente, apresentamos algumas contribuições, desafios e agendas para investigações futuras sobre o tema.

A internet deveria ser um ambiente onde a diversidade é celebrada e estimulada, e as vozes das minorias são ouvidas, respeitadas e utilizadas como ferramentas de aprendizado e inclusão social. No entanto, mesmo que a proposta com a criação dessa rede global de computadores tenha sido proporcionar um local democrático para os usuários, ela não está isenta das desigualdades. Isso se torna um grave problema, pois os próprios algoritmos vêm potencializando, ampliando e sofisticando as diferenças sociais nesse ambiente de conexão.

Já que a internet pode ser considerada uma extensão da vida diária das pessoas, cabe notar que além dessa rede ser desenhada pelos algoritmos, conta com a atuação de profissionais, com vivências também fora desse ambiente, portanto, as assimetrias também resultam das experiências não digitais dos usuários. De outro modo, os comportamentos digitais são operados a partir das possibilidades que determinadas plataformas apresentam, bem como resultam das experiências digitais e não digitais vividas pelos usuários e profissionais, que são compartilhadas nesses ambientes. Cabe especificar ainda que as principais desigualdades relacionadas ao mundo digital são as diferenças de raça, classe e gênero.

O acesso à internet no mundo vem crescendo intensamente nos últimos anos. O relatório de notícias digitais apresentado pelo Relatório **“Digital 2022: Global Overview Report”** aponta que o número de usuários que aces-

sam a internet regularmente (usuários ativos), atingiu em janeiro de 2022 o patamar de **4,9 bilhões de pessoas** (**Figura 1**). Entretanto, o aumento no acesso à internet não é sinônimo de equidade digital. Pelo contrário, esses dados globais quando analisados minuciosamente por países ou macrorregiões denotam claramente que as desigualdades digitais têm cor, raça e gênero.

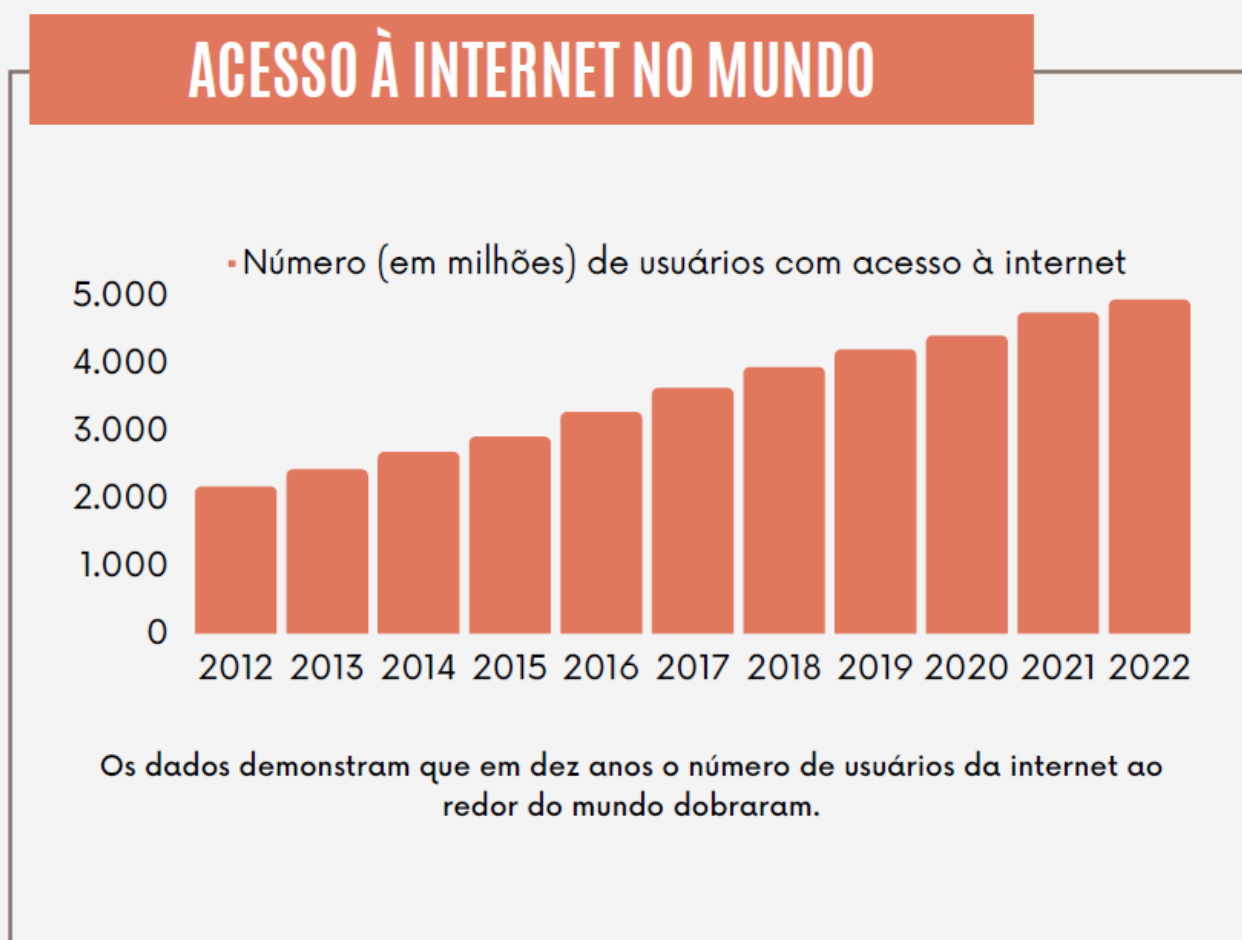


Figura 1 – Acesso à internet no mundo.

Fonte: Datareportal (Digital 2022: Global Overview Report).

Os dados estatísticos oficiais do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)** sobre “**Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**”, lançado em 2017, sinaliza a persistência da desigualdade social relacionada ao acesso à internet no Brasil, à posse de telefone móvel e

ao uso pessoal de celulares (Figura 2). De acordo com o relatório “A desigualdade digital no Brasil”, produzido pelo **Centro de Tecnologia e Sociedade (CTS)** da **Fundação Getúlio Vargas (FGV)**, a desigualdade digital é “a disparidade na capacidade de acesso aos benefícios sociais e econômicos proporcionados pela internet e pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs)”. O relatório aponta ainda que a desigualdade digital no Brasil é marcada por “grandes diferenças regionais, de gênero, de idade e de escolaridade”. Em outras palavras, a desigualdade digital é um problema social que afeta especialmente os grupos mais vulneráveis da sociedade.

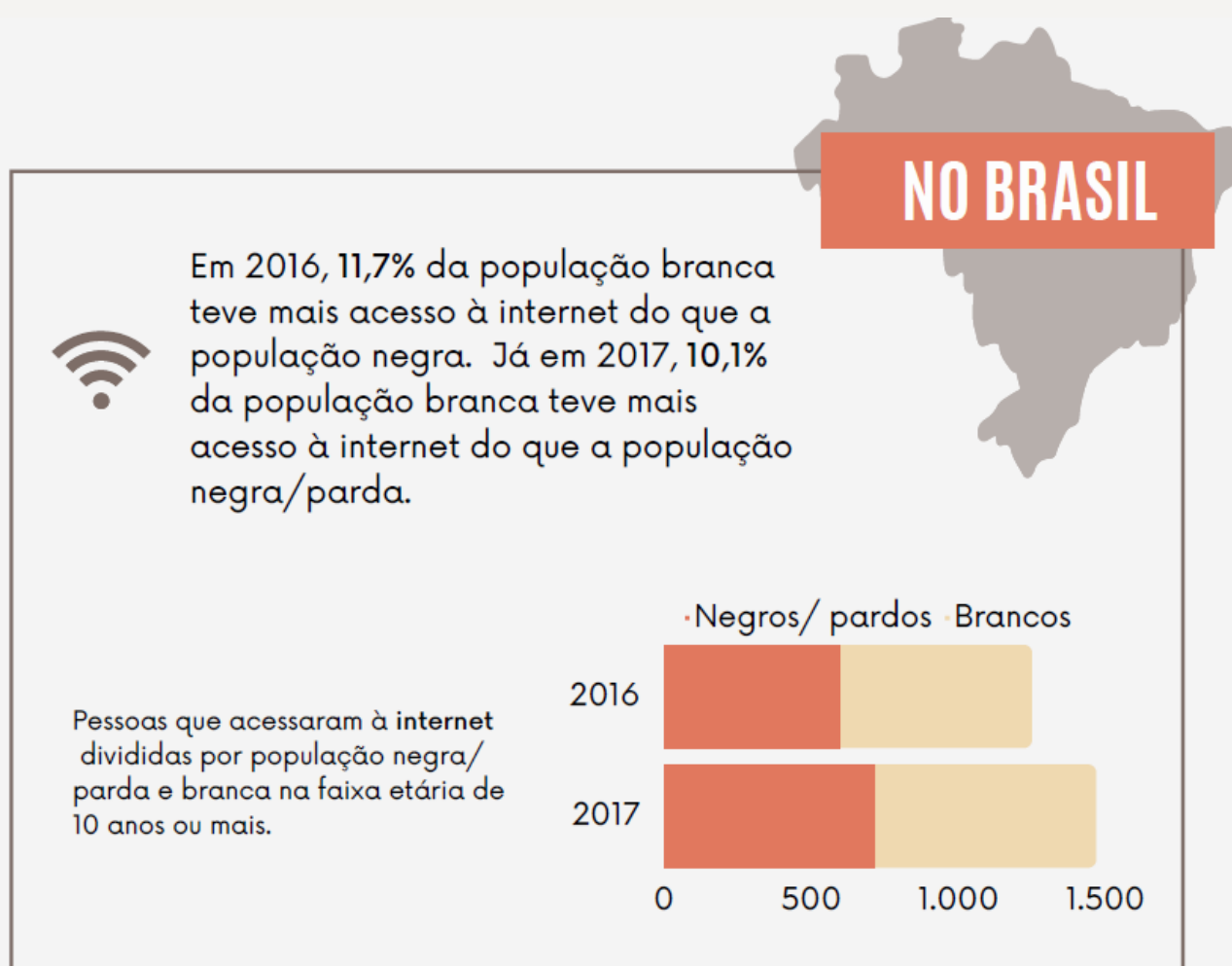


Figura 2 – Acesso à internet no Brasil. Fonte: IBGE, 2017.

Não há dúvidas de que várias situações de preconceito e desigualdades existentes nas relações face à face também

possam ser reproduzidas no ambiente digital. Tratando-se das tecnologias digitais compostas por mecanismos algorítmicos, poderíamos até afirmar que ações e/ou expressões racistas e preconceituosas podem ser ampliadas com a agilidade e eficiência do compartilhamento de informação e conteúdo online.

Para que a comunicação digital aconteça e seja concreta para os usuários, é necessário que pelo menos dois indivíduos estejam conectados na rede (sem a necessidade de simultaneidade), utilizem a internet e se interessem pelo mesmo assunto mobilizado na conexão, mesmo com oposição de assunto. Mas isso não é tão prático assim, pois o acesso à internet ainda é um problema para muitas pessoas, sobretudo aquelas em situação de vulnerabilidade social (**Figura 3**).

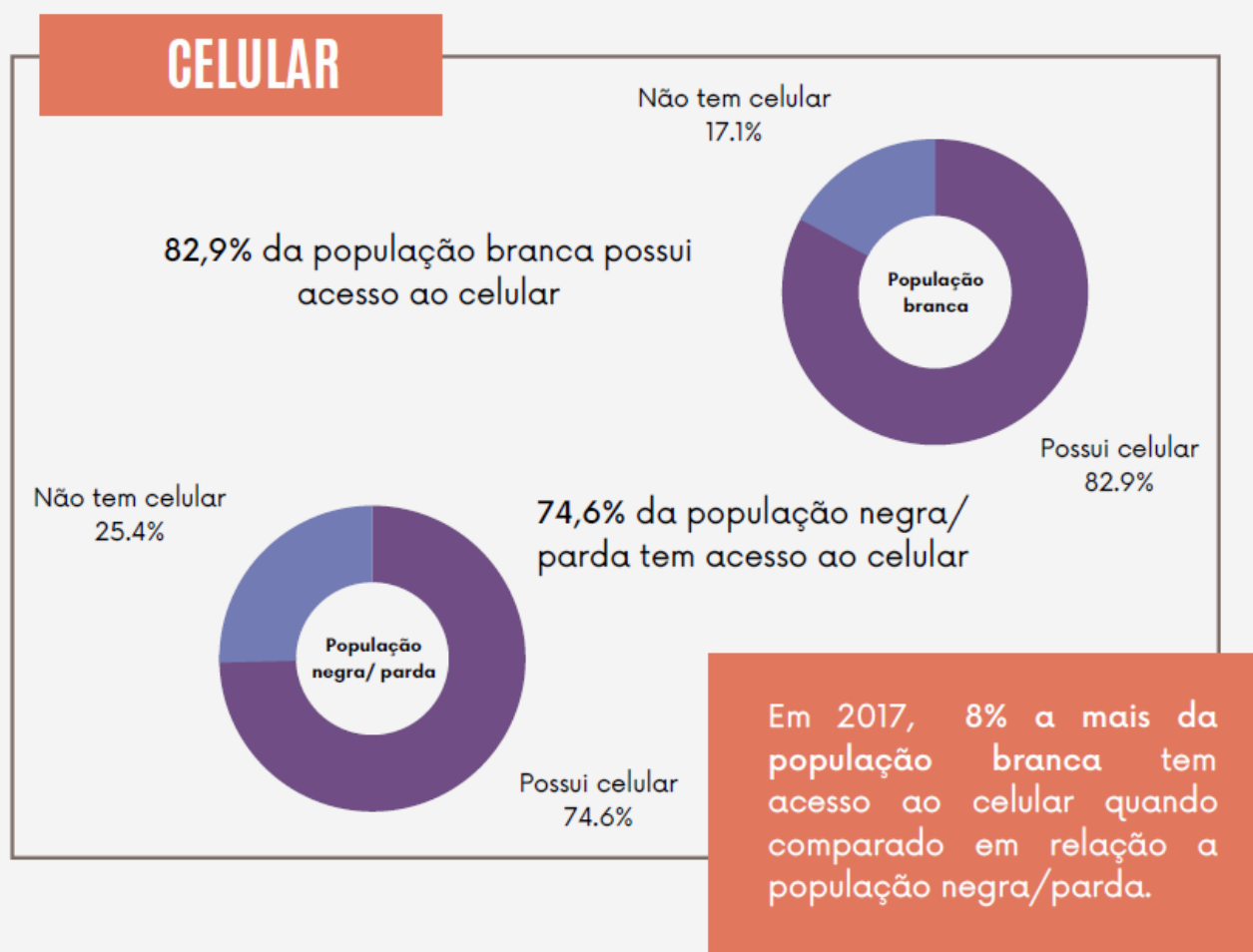


Figura 3 – Acesso ao telefone móvel no Brasil. Fonte: IBGE, 2017.

O **Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais (CEDRA)** aponta que as desigualdades digitais, particularmente as desigualdades raciais, estão relacionadas com classe e renda. Esses problemas perpassam a localização de residências (periferias ou espaços rurais), condições econômicas e culturais de acesso à internet. Visto por esse prisma, a desigualdade por trás do acesso à internet é multifacetada, ou seja, está atrelada também à necessidade de habilidades específicas para a utilização mais adequada possível dos recursos e ferramentas fornecidos pelas tecnologias digitais.

As desigualdades digitais são um problema incidente na vida das mulheres negras no mundo. Os pesquisadores, **Ronaldo Ferreira de Araújo** e **Jobson Francisco da Silva Júnior** defendem que o racismo na internet funciona como uma prática atrelada às rotinas não digitais de quem pratica que acredita encontrar nas mídias digitais um espaço adequado para a prática do crime e ódio sem uma possível punição.

Esses pesquisadores apontam ainda que mulheres brancas em situação de poder e status na internet, como influencers e celebridades, escurecem a pele, utilizam perucas e tranças, realizando procedimentos estéticos, dentre outros, com o intuito de parecerem um pouco mais com mulheres negras. Esse tipo de apropriação cultural (somando ainda o uso de turbantes e tecidos com estampas) caracteriza aquilo que Ronaldo e Jobson compreendem como **blackfishing**, ou seja, é uma definição para aquela situação em que uma pessoa branca está fingindo ser negra. Este caso aponta para um problema social de raça articulado com a questão de gênero e classe.

Na mesma linha dessa constatação de *blackfishing*, a pesquisadora **Larisse Louise Pontes Gomes** investigou que o processo de transição capilar, compartilhado em mídias sociais, tem sido utilizado como ferramenta estética na promoção do racismo. Nesse ambiente, as pessoas que compartilham fotos sobre a recuperação dos seus cabelos, de processos químicos de longa data, geralmente recebem comentários racistas de outros usuários. Além disso, a pesquisadora também destaca que as representações dessa transição capilar na internet têm sido utilizadas pelas mulheres negras como forma de denúncia dos comportamentos e comentários realizados no seu núcleo de vivência.

A professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fernanda Carrera, aponta que tanto o racismo quanto o sexismo estão presentes em bancos de imagens digitais, sobretudo quando tais dimensões são associadas com finança e ocupação profissional. Seus resultados demonstram que os estereótipos de raça e discriminação de gênero estão enraizados no desenho das plataformas de buscas na internet, que reproduzem imagens para buscas como “boss” relacionadas com padrões de homens brancos, em posição de chefia e de sucesso. Em contrapartida, a busca por “secretary” retorna com o padrão de mulher negra com vestimentas e posição de atendente. Estes exemplos mencionados reforçam mais uma vez que os problemas de classe, raça e gênero estão interligados no cenário de desigualdades digitais.

No contexto de tecnologias digitais, as ações de movimentos sociais e de ativismos podem ser caracterizadas a partir dos vínculos sociais executados de modo online, offline ou misto, podendo ser estabelecidos ao longo de todo o

processo de articulação e luta social. Nesta perspectiva, essa aproximação e os vínculos estabelecidos auxiliam no compartilhamento de informações de interesse e da própria identidade do usuário conectado. A internet funciona como uma ferramenta de mediação das trocas simbólicas entre os usuários, favorecendo, particularmente, as práticas de movimentos e ativismos.

A internet tem transformado e diversificado as formas de sociabilidade entre os indivíduos e influenciado intensamente nas conformações dos ativismos e ações performáticas no cotidiano de interação. No âmbito dos estudos de movimentos sociais e ativismos, essa situação tem exigido maior atenção por parte dos estudiosos, tendo em vista que se trata de um campo em ascensão nas Ciências Sociais. Parte dessa atenção está na atualização sobre os recursos teórico-metodológicos e elaboração de materiais que possam auxiliar na compreensão dos comportamentos digitais dos usuários.

Embora a internet tenha se configurado como um recurso fundamental na ação dos movimentos sociais, eles não estão livres dos processos de desigualdades nesse ambiente. Em primeiro lugar, a desigualdade digital limita a capacidade dos movimentos sociais se organizarem e se mobilizarem. As pessoas que estão fora da internet ou que não têm acesso às novas tecnologias ficam à margem dos debates e das mobilizações. Além disso, a desigualdade digital também gera desigualdades na capacidade de expressão dos movimentos sociais. As pessoas que estão fora da internet ou que não têm acesso às TICs não têm voz nas discussões sobre movimentos sociais. Elas não podem participar dos debates nos jornais, nas rádios e nas TVs.

Mesmo com todo o processo de desigualdade que perpassa o universo social, a internet possibilita que os movimentos sociais e ativismos recriem novas e melhores formas de manifestação social e política. Além disso, os movimentos e ativismos têm utilizado a própria internet para denunciar as desigualdades digitais de raça, classe e gênero.

Um exemplo disso pode ser confirmado com o estudo empírico do pesquisador Arthur Saldanha sobre o Movimento Afro Vegano. A produção indica que, por meio de ativismo digital e ações pontuais de modo presencial, o afrovegano tem buscado problematizar o veganismo e o acesso aos alimentos a partir das questões de raça, classe e gênero. Além disso, o movimento também problematiza o acesso aos recursos digitais para o cotidiano de ativismo, sinalizando que as desigualdades digitais têm impedido ações mais concretas por parte do movimento nas plataformas digitais.

Outra iniciativa que merece destaque na luta contra as desigualdades digitais é a produção de dados concretos sobre essa temática no Brasil. Os trabalhos do pesquisador Tarcízio Silva merecem destaque por apresentarem um conjunto de informações valiosas sobre práticas de racismo algorítmico, particularmente o livro “Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais”, lançado em 2022. Essa obra aponta que as tecnologias digitais têm priorizado a lucratividade em detrimento da igualdade social.

Entre tantos problemas de funcionalidade, as ferramentas tecnológicas, plataformas, mídias e algoritmos utilizados no desenho da conexão digital, carregam mecanismos de diferenciação social e exclusão de pessoas, sobretudo pes-

soas negras. Isso é um problema grave, pois os algoritmos funcionam a partir de comandos de especialista em redes, portanto, reproduzem os mecanismos de desigualdade social. Por essa ótica, um caminho promissor no combate às desigualdades digitais é a formulação de políticas de regulamentação das plataformas e sua estrutura.

Com o uso das redes sociais e plataformas digitais, o racismo presente na sociedade brasileira e nas relações face a face também pode se tornar manifesto no ambiente digital e nas relações online. Nas diferentes mídias sociais e plataformas digitais, comentários, atitudes e comportamentos racistas resultam no racismo online, que são compreendidos como microagressões. Além disso, tais atitudes podem ser amplamente disseminadas através dos algoritmos que, ao processarem as informações contidas nas bases de dados, reproduzem vieses de exclusão social em suas dinâmicas de recomendação e conteúdos personalizados.

As desigualdades digitais são persistentes e se transformam ao longo dos anos em inovações tecnológicas. Esse caráter multifacetado, transitório e indefinido da condição social das minorias nos leva a defender que as desigualdades no âmbito das tecnologias globais de comunicação e informação precisam ser analisadas a partir da ótica da interseccionalidade. Ou seja, precisam ser investigados como processos graves e crescentes de exclusão interligados na sociedade e que precisam ser analisados de maneira conjunta.

Conforme temos abordado nos informativos e em outros estudos sobre culturas alimentares digitais, as tecnologias digitais ainda carecem de análise e dados que possam iluminar as pesquisas no ambiente online. Não sabemos ao certo quais as diretrizes que orientam a criação de algorit-

mos ou quais os limites da inteligência artificial na interferência sobre o cotidiano social das pessoas. Além disso, embora tenha dado passos largos em termos de fiscalização por parte do governo atual, o monitoramento e a regulamentação dessas inovações ainda persistem como um problema no cenário brasileiro. ●

Mesa Digital Recomenda



Vegano Periférico

2020 (Brasil) - Documentário 46'25

O média relata a experiência com o veganismo dos irmãos Eduardo e Leonardo Santos, criadores da página @veganoperiférico. O documentário retrata temas atuais relacionado ao veganismo atrelado a uma realidade de quem vive na periferia, tensionando a perspectiva elitista que muitas vezes o veganismo é atrelado. Além disso, aborda temas como acesso a alimentação de qualidade, inclusão social, influencia midiática e da indústria alimentar no cotidiano do subúrbio.

 <https://youtu.be/kr98MSULN9g>



Libertação animal, veganismo popular e ecosocialismo

2022 (Brasil) – Vídeo Conteúdo Youtube 29'29

O Youtuber Thiago Torres, mais conhecido como “Chavoso da USP”, explica no vídeo o contexto o qual o veganismo se insere e explica a diferença entre veganismo liberal e o veganismo o qual abraça as diferentes realidades que atravessam gênero, classe e raça através do acesso, estímulo e produção de alimentos contemporâneo.

 <https://youtu.be/4U5EyVDExIM>



“Go Vegan!” - Leyllah Diva Black

2019 (Brasil) – Vídeoclipe 3'25

No vídeoclipe “Go Vegan!” a drag Leyllah Diva Black rima sobre o movimento e possíveis questionamentos que aparecem quando o assunto é veganismo.

 <https://youtu.be/qKLTlrGaQ40>



The Herd (A manada)

2014 (Reino Unido) – Ficção / Terror – 20'16

O curta de terror/ ficção científica faz analogia da exploração animal com a exploração do corpo feminino. Na história, mulheres são mantidas em cativeiros para extrair o seu leite materno.



<https://vimeo.com/113146203>



Animais em crise

2020 (Brasil) – Animação - Curta 3'

A animação mostra o veganismo de modo lúdico a partir da visão dos animais. Se eles pudessem falar o nosso idioma, o que eles diriam?



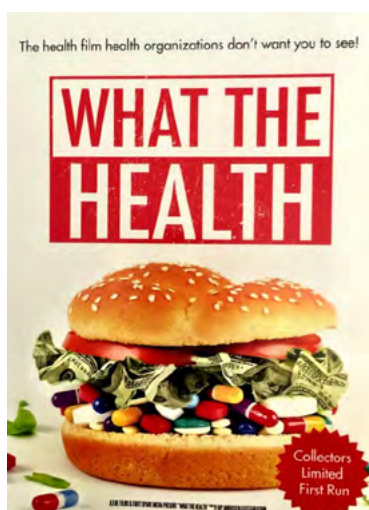
<https://youtu.be/s7rAH5nfmAss>



Okja

2017 (EUA) – Ficção 2h1min

Ficção que mistura a história de uma garota junto ao ativismo e ética alimentar em meio a produção massiva da carne de porcos gigantes.



What the health

2017 (EUA) – Documentário – 1h32min

Documentário norte americano sobre os impactos do consumo e produção massiva industrial da proteína animal. O longa traz questionamentos sobre os efeitos na saúde de quem consome a carne, mas também, sobre o impacto de quem vive ao redor das criações animais.

Expediente

Equipe Editorial

Editor científico; Daniel Coelho de Oliveira (Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Brasil)

Editores Executivos: Arthur Saldanha dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Brasil) e Marcelo Aragão de Podestá

Assistentes de Editoração; Ester Louback, Jéssica Santana Silveira Dias e Natália Ferreira Barbosa

Diagramação e webdesign: Marcelo Aragão de Podestá

Conselho Editorial: Fausto Makishi (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG), Ariane Fernandes da Conceição (Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM), Andrea Maria Narciso Rocha de Paula (Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES), Thatiane Lopes Oliveira (Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG) e Fábio Dias dos Santos (Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES)

Periodicidade: Quadrimestral

Informativo Mesa Digital

Logradouro: Sala do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território | Universidade Estadual de Montes Claros / Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro | Av. Ruy Braga, Prédio 01. CEP: 39401-089 - Montes Claros – MG | Prédio 7 – Sala 202.

Autor Corporativo: Grupo de Estudos em Culturas Alimentares Digitais

Publicação: Abril/2023

Ilustrações: Julia Pinto @[julia.ponto](#) (p.10), Lucas Vidigal @[lucasvidee](#) (p.20) e Marcelo de Podestá @[maopode](#) (p.5).

Imagens: Davisuko @[davisuko](#) (capa) e Mae Mu @[picoftasty](#) (p. 5 e p.34)

Receba o mesa digital pelo email

Clique e assine o informativo.



Comentários? Sugestões?

contato@mesadigital.org

www.mesadigital.org